

## Entre as margens do rio

O que José Diniz explica sobre o seu trabalho nos ajuda, claro, a melhor entendê-lo e apreciá-lo. Mas a sua visualidade poética, a força e beleza de suas imagens dispensariam maiores explicações. O que quero dizer: os seus conjuntos fotográficos anteriores a esta exposição – Periscópio, Cerrado, Botafogo (Esquina e Voluntários) – são o contrário daquilo que a fotografia algumas vezes se presta a cumprir em alguns circuitos – o papel de mera ilustradora de um discurso, sim, teórico, mas não visual.

Por isto, me dá prazer ver este trabalho justificadamente visual, poético, que tem a ver com memória, passado, com o mundo visto por certo olhar da arte, simplesmente: ideia e forma. É uma homenagem a seu pai.

Diniz nos fala: Tive forte influência de meu pai que era artista plástico, professor de desenho e geometria na Universidade Federal Fluminense / Aprendi muito sobre composição, observando as técnicas de perspectiva no desenho e na pintura / ...entre 1962 e 1967...freqüentei o curso de pintura infantil com Ivan Serpa no MAM-Rio. / sobre Barra de São João, litoral fluminense ao norte da Região dos Lagos, diz: Freqüentei este lugar desde muito pequeno nas férias de verão e julho / Vivi com os pés na água pescando, andando de canoa ou simplesmente vagando à beira-rio. / Gostava de visitar aquele cemitério / sobre a casa de sua família: restos de objetos, moedas, cacos de porcelana e até algemas foram encontrados enterrados nessa área / Fazer atividades de arqueologia era o meu divertimento.

Tenho várias séries fotográficas de José Diniz e elas vão se somando umas às outras em termos de qualidade visual. A explicação talvez para esta soma resida em uma frase que José escreveu em resposta a algumas perguntas que lhe fiz.

Ah, um parêntese voltando à fala do artista, quando diz: Vivi intensamente a minha infância e juventude em Barra de São João. Esta vivência foi reforçada pelas fantasias, sentimentos, emoções, sensações de medos e desafios que aquele lugar me provocava... / ...as fotografias que fiz com uma câmera que ganhei aos 10 anos do meu avô.

Retomo a frase de José Diniz que deixei de mencionar dois parágrafos acima: O meu trabalho na fotografia é um reflexo da minha vida. Talvez por ter iniciado tardiamente a minha carreira nas artes visuais, quero compensar obsessivamente esse “gap”, revisando coisas que estão na minha memória em forma de poesia visual. O grifo há pouco é meu.

Arte tem a ver com obsessão, muito trabalho, disciplina, intensidade, a passagem do tempo. Há artistas que fazem o melhor da sua obra quando jovens, outros na maturidade. Arte é coisa mental, inteligência, muita emoção, muita história pessoal, muita criação com a realidade e com os sonhos, com o mergulho nas nossas experiências e lembranças.

Que satisfação compartilhar com o público as imagens tão bem feitas, delicadas, silenciosas, desta exposição Entre as margens do rio. A ela se acrescentam as pinturas e desenhos nostálgicos do pai. Que estas imagens todas nos embalem a cada um de nós como na mente do artista!

Joaquim Paiva, Rio de Janeiro, outubro de 2018.